



Foram muitos os que assistiram à última aula de Melo-Silvestre

Última aula de um homem ímpar

●●● António Abel Garcia Melo-Silvestre é uma figura ímpar e invulgar. As suas qualidades como homem, como médico e como cidadão foram, ontem, amplamente enaltecidas, no “seu” Hospital da Universidade de Coimbra.

A cerimónia de homenagem, que envolveu o cumprimento do ritual académico da “Última Aula”, aconteceu justamente no dia em que completou 70 anos de idade e que, por isso, corresponde ao da sua Jubilação enquanto professor catedrático da Universidade de Coimbra.

Já se escreveu que não houve lugar à poupança de encómios, nas intervenções no auditório dos HUC, a cargo de Américo Figueiredo, membro da direcção da Faculdade de Medicina, em representação do director; José Martins Nunes, presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar e Universitário; José de Faria Costa, provedor de Justiça (que enviou mensagem gravada); e Saraiva da Cunha, director do serviço de Infecções do CHUC.

Das palavras ouvidas, destaque para uma frase de Saraiva da Cunha, seu discípulo e colega, que lhe sucedeu na direcção do serviço: “Se quiser resumir, em poucas palavras, a sua vida e obra, direi que o professor Melo-Silvestre foi tudo

aquilo que quis”.

Também o presidente do CHUC – sucessor, à sua medida, de Melo-Silvestre, que liderou o então HUC na década de 1990 – alinhou pelo registo elegíaco. E, em jeito de introdução, Martins Nunes conjugou o verbo servir à medida do homenageado:

“Serviu o serviço, como médico distinto e como director empenhado. Serviu o hospital, como presidente do conselho de administração dos HUC e como director da UGI do CHUC. Serviu Portugal como presidente da Comissão Nacional de Luta contra a SIDA. Serviu a sua faculdade como director e como presidente da Assembleia da Faculdade. Serviu a universidade como membro do Senado e do Conselho Geral”.

Homenagem ao pai

Por fim, o momento mais aguardado: a última aula do mestre. Esta ocasião é, em regra, aproveitada pelos académicos para deixarem uma marca – uma reflexão política, filosófica, científica; uma dissertação sobre a evolução das patologias, dos homens aos infinitamente pequenos; uma abordagem muito sua ao universo das “infecções associadas aos cuidados de saúde, das infecções nosocomiais, em interface com as infecções da comunidade”...

O homenageado a todas

estas tentações resistiu (até porque, como bem referiu, citando, “a Última Lição é o único funeral em que o morto também fala”). E, sem surpresa, optou por uma sentida e algo intimista homenagem ao pai, António Melo-Silvestre, o mestre, o professor, o matemático, o homem.

“Diálogo de gerações”, assim designou António Abel Melo-Silvestre a evocação. “Apesar do hiato temporal que separou as nossas gerações/vivências, houve um encruzilhar de realizações”, constata o professor agora jubilado.

Assim, com recurso a diapositivos, António Abel mostrou como ele próprio e o pai foram, ao longo das suas carreiras, produzindo ciência e refletindo sobre a vida com surpreendente paralelismo. Temáticas como a preocupação com as vacinas, como a aposta firme na formação contínua e na excelência na investigação são comuns a trabalhos publicados por ambos. E, claro, o tema das infeções, no caso as que grassam em meio hospitalar.

Para terminar, Melo-Silvestre exibiu, par a par, “as tão emblemáticas caricaturas” – a sua e a do pai -, “simbologia usada em pequenas brochuras que encerram o fim de um percurso académico que perdura no tempo, e que nem a tecnologia atual as torna obsoletas”.

| Paulo Marques



ELOGIOS À VIDA E OBRA DE MELIÇO SILVESTRE

António Abel Meliço-Silvestre é uma figura ímpar e invulgar. As suas qualidades como homem, como médico e como cidadão foram, ontem, amplamente enaltecidas, no “seu” Hospital da Universidade de Coimbra, na cerimónia da sua jubilação >Pág 7